

DEAN (Warren). — *A industrialização de São Paulo: 1880-1945*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1971. 229 págs. Coleção “Corpo e Alma do Brasil”, volume 33.

Produto de uma minuciosa e pormenorizada investigação, baseada em grande parte em fontes primárias, o livro de Warren Dean revela também invulgar capacidade de síntese.

A obra desperta interesse não só pela seriedade com que o assunto é tratado, mas pelo fato do autor levantar novas hipóteses sobre alguns dos momentos da gênese e desenvolvimento das indústrias paulistas.

O trabalho focaliza três aspectos relacionados e consequentes do papel empresarial. Nas duas primeiras partes o empresariado industrial é estudado como grupo, primeiro como burguesia que surge das elites existentes e novas, depois como a nova elite que principia a fazer suas próprias exigências à sociedade e entra inevitavelmente em conflito com outros setores econômicos. E na terceira parte estes conflitos vão ser estudados.

1ª parte: 1880-1914. Inicialmente, o autor deixa bem clara a dependência da industrialização com relação ao comércio do café, isto é, as atividades cafeeiras como base do crescimento industrial.

Nesta primeira parte são investigadas as origens econômicas e sociais dos industriais paulistas. A importação é dada como matriz econômica da indústria. W. Dean mostra a posição estratégica do importador na estrutura do comércio: acesso ao crédito, conhecimento do mercado, canais para a distribuição do produto acabado; daí partindo para o financiamento industrial.

A origem social é dupla. De um lado, os fazendeiros de café que, não raro, já estavam ligados à exportação, importação e atividades bancárias, passam ainda a diversificar suas atividades através da indústria. Um dos objetivos desses empreendimentos manufatureiros era o de tornar mais lucrativas as propriedades rurais. A quase totalidade do empresariado brasileiro veio, segundo o autor, das elites rurais. Por outro lado, apresenta o papel importante dos imigrantes na gênese das atividades manufatureiras em São Paulo. O imigrante que se torna empresário é, em geral, de origem urbana, de classe média, com instrução técnica ou, pelo menos, alguma prática de comércio ou manufatura. É possuidor, em muitos casos, de um pequeno capital. Warren Dean enriquece sua análise do período com estudos biográficos de inúmeros industriais-imigrantes.

A pressão das elites dirigentes se realiza através de uma implícita aceitação, por parte dos industriais, do domínio dos proprietários rurais em assuntos políticos e econômicos. Os contactos sociais, através de casamentos, vão atenuando a hostilidade entre a elite nativa e os empresários-imigrantes.

2ª parte: 1914-1929. Relaciona o crescimento da indústria com a circunstância histórica e a estrutura dos negócios. Discorda da análise de Simonsen (aceita por Caio Prado Júnior, Nícia Vilela Luz e Fernando Henrique Cardoso) quando este afirma que a guerra acelerou o desenvolvimento industrial, dando-lhe um “impulso adicional” e provocando diversificação na produção industrial. Através de longa manipulação de quadros estatísticos, conclui que o grande avanço no setor industrial paulista ocorreu no período 1907-1913 e que se a primeira guerra mundial provocou um aumento de procura de manufaturados nacionais, não houve possibilidade de satisfazer a esta procura dada a dificuldade de ampliar a capacidade produtiva.

Após a expansão ocorrida no período 1900-1920, ocorre nos vinte anos seguintes um decréscimo no ritmo de desenvolvimento. O autor analisa as diversas causas desse fenômeno e lança a hipótese de que este retardamento seria devido ao fato de o café já não estimular a manufatura com a mesma intensidade dos anos anteriores. Localiza em meados de 1920 o início da auto-consciência do grupo manufatureiro: “começam a pensar em função dos interesses de grupo em oposição aos interesses dos outros — os fazendeiros, os importadores, a classe média”. Julga mesmo que, embora bastante limitadas essas primeiras manifestações, já se esboça, neste momento, uma ideologia explícita do industrialismo.

3ª parte. Nela são estudados os conflitos entre os empresários industriais, a Sociedade e o Estado. O autor analisa o comportamento do industrial em relação aos operários, à classe média, aos consumidores em geral, no período entre as duas guerras. Nas relações patrão-operário tanto podia se encontrar uma atitude de indiferença como de paternalismo e mesmo um certo behaviorismo. As reivindicações dos operários (começam a surgir movimentos previstos, sendo muito importantes as greves gerais de 1917 e 1919) são, via de regra, resolvidas com o auxílio da polícia.

O governo liberal que se instala após a revolução de 30 não recebeu o apoio dos industriais. Neste período, o governo vai tentar resolver os problemas sociais e a estagnação econômica. Aos operários é oferecida substancial legislação trabalhista, que não era posta em vigor com muita severidade e que continha sempre uma brecha para possíveis burlas. Os industriais e agricultores ora recebiam medidas econômicas que os beneficiavam, ora medidas prejudiciais aos seus interesses. E a crise econômica não saía do impasse.

Os industriais só conseguem um amparo importante durante o Estado Novo. Ao abandonar o liberalismo econômico e político, Vargas dá um grande avanço no setor industrial, desenvolvendo o intervencionismo do Estado na área industrial. A instâncias dos setores nacionalistas do Exército, inaugura a infra-estrutura da indústria no Brasil, com a construção do parque siderúrgico de Volta Redonda.

A segunda guerra mundial encontrou um grande dinamismo na indústria brasileira. Houve estreita cooperação, neste momento, entre Brasil e Estados Unidos (Missão Morris L. Cooke): Mas, acrescenta W. Dean, “como a anterior, a segunda guerra mundial causou enormes dificuldades à indústria paulista. Pode ser, todavia, que a escassez e as paralizações comuns em tempo de guerra, surtissesem, no segundo caso, os efeitos salutares amiude atribuídos ao primeiro”. Para o após-guerra, Simonsen tenta agitar a opinião pública com um plano de desenvolvimento industrial. Entretanto, ao aproximar-se o fim da guerra, o Estado Novo foi perdendo seu apôio e, pouco depois, em outubro de 1945, os militares depuseram Getúlio Vargas.

SOLANGE DEBRUN

*
* * *

RACHET (Guy). — *La tragédie grecque. Origine — Histoire — Développement*. “Bibliothèque Historique”. Payot. Paris. 1973. 285 pp. 39, 40 F ttc.

Acaba de ser publica na Coleção “Bibliothèque Historique” da editora Payot, de Paris, uma obra de Guy Ratchet intitulada *La tragédie grecque*.

Não é provavelmente por mero acaso que a tragédia grega volta a ter atualmente um grande interesse. Os melhores dramaturgos e cineastas modernos encontram nelas uma vigorosa fonte de inspiração. Como podemos explicar esse fenômeno? Como explicar que essas obras literárias criadas a vinte e cinco séculos e por homens animados pelas suas próprias paixões, tenham atravessado as idades e conseguido nos atingir em pleno XX século industrializado?

Mística, psicologia, política, a tragédia grega permanece como um fenômeno impar, cujo nascimento, cujo desenvolvimento, cujas formas técnicas compõe uma alquimia sutil que essa obra revela e esclarece. Guiado por esse fio de Adriadne que o autor desenrola para si próprio, o leitor estará melhor preparado para receber o choque e recolher a mensagem secular desse drama essencialmente universal.

Por que uma das razões fundamentais da atual renovação da tragédia antiga não se encontra nessa linha de força dominante que foi a sua: o sentimento da grandeza do indivíduo, do homem livre face a forças de destruição que não são outras que as potências coletivas incarnadas no Estado?

Assim, a leitura dessa obra será extremamente útil para se compreender os dias atuais, por mais paradoxal que possa parecer.

E. S. P.

*
* * *